



Tereza Cristina indica que aceitará ser vice

Senadora dá sinais a aliados de que poderá formar chapa com Flávio Bolsonaro, o que representaria uma mudança de postura, após descartar a possibilidade

» DANANDRA ROCHA
» ARMANDO HOLANDA

Depois de semanas de negociações entre dirigentes do PL e do PP, Flávio Bolsonaro sinaliza uma vice. Uma fonte do Progressistas ouvida pelo **Correio**, sob condição de anonimato, afirmou que a senadora Tereza Cristina (PP-MS) aceitou o convite para integrar a chapa do senador à Presidência da República. Segundo esse interlocutor, durante as conversas, a ex-ministra da Agricultura condicionou sua entrada na disputa ao fortalecimento da participação feminina em um eventual governo do parlamentar.

Tereza Cristina era considerada, desde o início das articulações, o principal nome para ocupar a vice. Ela reúne forte prestígio junto ao agronegócio, mantém bom trânsito entre lideranças do Centrão e é vista por aliados do PL como uma figura capaz de ampliar o diálogo da candidatura para além do eleitorado bolsonarista. Além do peso político, a eventual indicação também seria interpretada como um gesto em direção ao eleitorado feminino, segmento que a campanha busca conquistar.

Até poucas semanas atrás, contudo, a própria senadora havia descartado a possibilidade. Em declarações públicas, afirmou que sua prioridade era disputar a reeleição ao Senado e trabalhar para, posteriormente, disputar a Presidência da Casa. Nos bastidores, entretanto, as negociações nunca foram interrompidas. Integrantes do PL passaram a insistir na composição da chapa, avaliando que uma aliança com o PP fortaleceria o projeto presidencial de Flávio e ampliaria sua base de sustentação política durante a campanha.

Tereza se reuniu com Flávio ontem, e, logo depois, o gabinete da senadora divulgou uma nota informando que a Vice-Presidência foi discutida pela primeira vez. Ressaltou, porém, que nenhuma definição foi tomada. “Falou-se, pela primeira

Andressa Anholete/Agência Senado



Assessoria da parlamentar confirmou o encontro dela com Flávio, mas disse que “nada está decidido”

vez, sobre a Vice-Presidência, mas nada foi decidido — até porque qualquer composição de chapa depende de avaliações políticas e pessoais, além de consultas e acertos partidários”, diz o comunicado.

Troca de comando

A campanha de Flávio anunciou mudança no comando da comunicação. O publicitário Duda Lima, responsável pela propaganda eleitoral de Jair Bolsonaro na disputa presidencial de 2022, foi escolhido para o posto.

A substituição foi oficializada por meio de nota assinada pelo senador Rogério Marinho (PL-RN), coordenador-geral da campanha. No comunicado, a equipe agradece o trabalho desenvolvido pelos publicitários Alexandre Oltramari e Eduardo Fischer, que atuaram na primeira fase da pré-campanha.

Segundo a coordenação, ambos tiveram papel relevante na construção da estratégia inicial da candidatura. “Suas contribuições foram importantíssimas e valiosas nessa etapa e marcaram um momento estratégico desta caminhada”, afirma a nota. O texto também deseja que os dois profissionais “continuem colaborando para o aperfeiçoamento de nossa democracia, com toda a sua competência e profissionalismo”.

Na sequência, Rogério Marinho informou que Duda Lima foi convidado para assumir o comando da área de comunicação. A chegada dele reforça a aposta do núcleo político de Flávio com um dos nomes mais experientes do marketing eleitoral ligado ao campo da direita.

Publicitário de confiança do presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto, Duda Lima ganhou projeção nacional ao

» Resistência

Aliados de Tereza Cristina temem que o PP — comandado pelo senador Ciro Nogueira (PI) — crie empecilhos para um acordo, por causa de divergências estaduais com o PL. Além disso, as negociações entre os dois partidos esfriaram após Flávio e Ciro Nogueira serem implicados no escândalo do Master. O PP e o União Brasil integram uma federação, que havia sinalizado neutralidade na eleição presidencial deste ano.

coordenar a propaganda de Jair Bolsonaro na eleição de 2022, quando ficou responsável pela produção do conteúdo veiculado no horário eleitoral gratuito de rádio e televisão.

Cury propõe chapa única com Zema

» LUÍZA ALTOÉ

O pré-candidato à Presidência da República Augusto Cury (Avante) divulgou uma carta aberta, ontem, em que assume a possibilidade de uma aliança com o presidencialíavel Romeu Zema (Novo) ainda no primeiro turno. “Conversamos sobre a possibilidade de formarmos uma chapa única nestas eleições, e ambos ficamos animados com a perspectiva”, diz a nota.

A conversa ocorreu por telefone. Cury destacou que ambos têm experiência com gestão de empresas e construíram uma trajetória longe da política nacional, com foco na responsabilidade fiscal, na eficiência da gestão pública, na valorização do empreendedorismo e na construção de um Brasil menos polarizado. “Somos críticos dessa guerra de egos em que se tornou a política brasileira, sem focar no que realmente importa”, escreveu.

Paralelamente, o Novo caminha para descartar o nome do ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal (STF) Joaquim Barbosa como vice na chapa de Zema, segundo fontes. No último fim de semana, o ex-governador de Minas Gerais havia mencionado a possibilidade de Barbosa ocupar sua vice. Ao elogiar o magistrado aposentado, ressaltou que a carreira dele é “irretocável” e que “a principal bandeira dele talvez seja o que o Brasil mais precisa hoje: combate à corrupção”.

Com isso, o partido também segue em negociação com o

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Augusto Cury disse ter conversado com Romeu Zema e que ambos ficaram “animados” com a possibilidade

Podemos, mas também trabalha com a possibilidade de uma chapa pura. A presidente do partido, deputada federal Renata Abreu (Podemos-SP), é um dos nomes cotados para vice, caso a aliança entre as legendas se concretize. No entanto, o Podemos — assim como outros partidos do Centrão — tende a se manter neutro na disputa pelo Planalto, o que pode pressionar Zema a estruturar uma chapa pura.

Nesse cenário, um dos principais cotados é o senador Eduardo

Girão (CE), pré-candidato ao governo do Ceará. O Novo realizará a convenção do partido no estado no domingo. Segundo a pesquisa Quaest, divulgada ontem, ele tem apenas 3% das intenções de voto, perdendo para Ciro Gomes (PSDB) com 43% e Elmano de Freitas (PT) com 33%. Além disso, apesar de contar com o apoio da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, o PL homologou apoio ao Ciro.

Ao **Correio**, Girão afirmou que a prioridade “continua sendo” o Ceará. “Sigo totalmente dedicado

a apresentar um projeto de mudança, de verdade, para os cearenses”, frisou. “Ao mesmo tempo, fico feliz ao ser lembrado pela executiva nacional do Novo, com a possibilidade de disputar uma eleição na chapa presidencial”, completou.

No entanto, o senador lembrou que a decisão final “será tratada com responsabilidade e no momento adequado”. De qualquer maneira, segue a perspectiva de que a indicação de um vice para Zema ficará para próximo da data-limite, 5 de agosto.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Falar sobre a Guerra do Paraguai é um dos pecados capitais da diplomacia

Um dos sete volumes da coleção *Plenos Pecados*, da Editora Objetiva, *Xadrez, Truco e Outras Guerras*, do escritor José Roberto Torero, é inspirado na Guerra do Paraguai, o maior conflito armado internacional em que o Brasil esteve envolvido no continente. O livro é uma sátira macabra envolvendo personagens em conflito durante a Guerra do Paraguai. Seu pecado capital é a ira. A narrativa acompanha, de forma ficcional, a implacável perseguição ao mariscal Francisco Solano López, ditador do Paraguai, por determinação do príncipe francês Gastão de Orléans, o Conde d’Eu, comandante-chefe do Exército imperial na fase final da guerra. Casado com a princesa Isabel, herdeira do trono brasileiro, o príncipe francês era mau como o pica-pau.

A guerra começou em 1864, com a apreensão do navio brasileiro Marquês de Olinda e a invasão da então província de Mato Grosso pelas forças paraguaias, e terminou em 1870. O Paraguai sofreu uma catástrofe demográfica: perdeu quase 90% da população masculina adulta, e sua população foi reduzida a menos da metade. Não há provas de que a Inglaterra teria provocado a guerra para destruir um Paraguai industrializado e autônomo.

A memória do conflito permanece tão sensível que boa parte da documentação histórica é cercada por controvérsias sobre seu sigilo. Em 2004, o governo paraguaio chegou a pedir oficialmente acesso a arquivos brasileiros sobre a guerra e da posterior demarcação das fronteiras. Para o Itamaraty, mexer nesse passado sempre significa reabrir feridas que a integração bilateral procura cicatrizar.

Solano López morreu em Cerro Corá, ou Aquidabanigui, em 1º de março de 1870, na última batalha da guerra. Depois da derrota paraguaia em Campo Grande, em agosto de 1869, o que restava de seu exército havia sido reduzido a algumas centenas de combatentes, entre velhos, adolescentes e crianças, famintos, malvestidos e precariamente armados. Em 26 de fevereiro de 1870, o general José Antônio Correia da Câmara avançou contra o acampamento de López à frente de mais de 2 mil homens. Francisco, o Panchito, filho de López, com apenas 15 anos, morreu durante a resistência. Foi uma operação rápida e brutal, de cerco e aniquilamento. López tentou escapar acompanhado de poucos oficiais, mas foi alcançado por soldados brasileiros. A narrativa oficial sustenta que recusou a rendição e morreu em combate; outra hipótese é que tenha sido executado quando já estava gravemente ferido. O cabo José Francisco Lacerda, o Chico Diabo, atingiu-o com uma lança. Depois, houve um disparo de autoria controversa. Seu cadáver foi mutilado e seus objetos pessoais transformados em troféus.

A espada de López foi enviada ao imperador Dom Pedro II. Sua condecoração ficou com o então visconde do Rio Branco; o general Câmara, com seu relógio, mais tarde doado a um museu. Chico Diabo tomou para si uma faca de prata e ouro com as iniciais FL, de Francisco López. O saque dos objetos pessoais e a profanação do cadáver sintetizam uma campanha de extermínio, na qual a eliminação física de Solano López se confundiu com a destruição do que restava de seu país.

Terreno minado

Outro símbolo desse passado é o canhão El Cristiano, de 12 toneladas, hoje exposto no Museu Histórico Nacional, na Praça Marechal Âncora, no Rio de Janeiro. Fundido com o bronze dos sinos de igrejas paraguaias, foi capturado como troféu. Para os paraguaios, é uma lembrança material da devastação sofrida. Uma boa ideia seria devolvê-lo.

Lula pisou nesse terreno minado: “A gente não pode se esquecer que um belo dia o Paraguai resolveu invadir o Brasil, invadiu Corumbá, ao mesmo tempo invadiu o Uruguai, invadiu a Argentina e aquela guerra, que parecia que era nada, durou cinco anos”. E simplificou um conflito complexo: o Paraguai invadiu territórios do Brasil e da Argentina, mas não invadiu o Uruguai, porque Solano López apoiava o governo blanco uruguaio e considerava a intervenção brasileira naquele país uma ruptura do equilíbrio regional.

A reação de Assunção às declarações era previsível. O presidente Santiago Peña telefonou a Lula, e o embaixador brasileiro, José Antônio Marcondes de Carvalho, foi convocado para receber uma nota oficial. Esse é um gesto formal de descontentamento. O Paraguai se enxerga como vítima de um massacre.

O estresse diplomático ocorre durante as negociações do Anexo C do Tratado de Itaipu, que define as bases financeiras e comerciais da energia produzida pela hidrelétrica. A tarifa foi fixada em US\$ 19,28 por quilowatt até 2026, mas continua pendente a definição das regras para a comercialização do excedente paraguaio. Cada país tem direito a 50% da energia, e o Paraguai cede ao Brasil a parcela que não consome. Assunção quer negociar essa energia no mercado e obter uma remuneração maior. Itaipu é estratégica para o sistema elétrico brasileiro.

A relação já havia sido agastada pela revelação de que a Agência Brasileira de Inteligência teria invadido sistemas do governo paraguaio para obter informações sobre a posição de Assunção nas negociações, no governo Jair Bolsonaro e no início da atual administração. O secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, defende que o excedente energético seja utilizado para alimentar centros de dados e projetos de inteligência artificial das big techs, que seriam instalados no Paraguai. A alternativa fortalece o poder de barganha de Assunção.